

EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADE: CONHECER PARA ATUAR COM ALTERIDADE

Lucimeri Mauricio Ribeiro
CESVA/FAA
lucimerimaucicio@oi.com.br

Mônica de Carvalho Teixeira
CESVA/FAA; FATERJ/TR e PPGE/UFJF
monica3rios@yahoo.com.br

Resumo

Vivemos um consenso na sociedade atual que a educação é um importante elemento transformador do ser humano. Em uma sociedade tão competitiva, guiada por uma globalização que acirra o consumismo, como a que estamos na atualidade, refletindo no campo escolar um universo de competições em busca de melhores notas e, conseqüentemente um emprego melhor remunerado, vemos na vivência do conceito de espiritualidade a possibilidade de refrear esta situação, possibilitando um refletir pensamentos e ações, oportunizando pessoas a se conhecerem melhor e, desta forma, agirem com alteridade junto ao outro. O tema não é novo na educação, mas equivocadamente é confundido com conceitos religiosos, que terminam por distanciar os pensamentos das ações no campo educacional. A intenção deste trabalho é provocar uma proximidade do tema espiritualidade com a educação mostrando que na literatura pedagógica/educacional autores citados nos currículos, disciplinas e referencial bibliográfico dos cursos de licenciatura trazem o tema espiritualidade para dentro do debate educacional, mostrando que há sim uma aproximação entre estes e, portanto, resta-nos enquanto formadores de futuros formadores da educação, atentar para este debate e fazer com que os acadêmicos inseridos nas salas de aula dos cursos de formação de professores, tenham a alteridade, a solidariedade, como elemento de ação de suas práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Educação. Espiritualidade. Alteridade.

Introdução

O pensar a alteridade na educação; o acreditar que a educação transforma seres humanos em pessoas humanizadas; o ensinar a pensar certo e outras atitudes coerentes com uma prática pedagógica humanizada, criadora, reflexiva e

questionadora, traz para o debate educacional algo que dentro de um mundo consumista e extremamente capitalista como o nosso se encontra em situação de 'desmanche'.

Não se possui tempo para propor reflexão em sala de aula, diz-se que precisa olhar o outro como se vê a si mesmo, mas ninguém consegue ensinar; em nome de conteúdos cada vez mais agigantados, provoca-se uma ruptura entre o que se escreve e as ações que se pratica. Um mundo corrompido pelo dinheiro, em que SER é inferior ao TER, colocam-se crianças desde cedo em contato com os mais variados estímulos, incentivos e motivações visando obter a garantia de um sucesso profissional, pautado não na realização pessoal, mas na vultosa quantia financeira guardada na conta bancária. Em nome da obtenção do lucro, pessoas realizam práticas que se chocam com suas posturas ideológicas, mas tudo em nome do poderio do dinheiro.

Ao acreditarmos que a educação transforma as pessoas, as fazem refletir sobre ações, provoca a alteridade, como fazer para que isto de fato seja uma verdade dentro do universo educacional? Esta pergunta provoca em nós uma reflexão que parece não ter fim. Não podemos nos furtar que temos sim um mundo competitivo em curso, em que os 'melhores' estarão nos postos de trabalho que possuem melhores remunerações e, em face disto as escolas hoje, promovem suas práticas pedagógicas, visando colocar seu aluno nas melhores faculdades, obtendo os melhores resultados.

Nesse âmbito, o objetivo desse trabalho é contribuir na busca de conhecimentos para realizar uma discussão sobre a temática da espiritualidade na educação e suas implicações na vida escolar e social, como elemento primordial para um pensar uma educação que vai além da obtenção de algo material.

Acreditamos que o estudo da espiritualidade levará o sujeito a se descobrir como pessoa, com todas as suas questões, subjetividades, intencionalidades, ideologias, crenças, pensamentos e ações. Este temática é ainda um tanto quanto nova dentro do universo educacional, embora tenhamos na literatura pedagógica autores que tenham este tema como área de seu interesse, como os que discorreremos ao decorrer do trabalho, mostrando que na maioria dos cursos de licenciatura estes teóricos são referências para as leituras nas mais variadas

disciplinas e conteúdos e, mesmo assim, promover a alteridade parece ser algo ainda distante de ser alcançado.

Não queremos a doutrinação e nem o dogmatismo ao estudar e entender a espiritualidade como campo de estudo dentro da educação e, sim, mostrar o quanto este conceito permeia nossos pensamentos e atitudes em relação ao outro.

Uma breve revisão de literatura sobre o tema “Espiritualidade”

Primeiramente se faz necessário uma compreensão do que significa o conceito espiritualidade, para o entendermos como um conceito de vida, que está para além de um simples conceito religioso. Encontramos no Dicionário Online de Português (www.dicio.com.br), o seguinte conceito de Espiritualidade:

Característica ou qualidade daquilo que é espiritual: a espiritualidade da alma. A partir desse conceito, encontramos vários outros, que vão se desdobrando de acordo com o ponto de vista, bases teóricas, epistemológicas, ideologias, crenças e culturas.

Paulo Freire (1997), educador, pedagogo e filósofo assevera que a solidariedade é sinônima de espiritualidade e a educação é o espaço para realizá-las. Freire explora uma consciência crítica e dialógica, encorajada nas percepções e transformações das grandes questões da vida, preocupado com o valor e dignidade do outro, através da educação libertadora numa dimensão de esperança. Defende a posição da proximidade e interação com o outro, e que a espiritualidade deve ser vivida nessa relação diária e dialógica que mantemos com o outro, ainda que diferente de nós.

O professor de ética, filosofia da religião e de ecologia filosófica Leonardo Boff (2005, p.2), discorre sobre espiritualidade como um “modo de ser, uma atitude de base a ser vivida em cada momento e em todas as circunstâncias”. Destaca o fenômeno enquanto atitudes que devem ser vivenciadas em todos os momentos da nossa vida, nas tarefas domésticas, trabalhando, dirigindo, no encontro com os amigos, na intimidade com a pessoa amada, porque a

peessoa que vive a espiritualidade tem paz, serenidade, vitalidade e entusiasmo, porque carrega Deus dentro de si.

O pedagogo, professor de matemática, terapeuta e pesquisador Ferdinand Röhr (2007), em princípio, afirma que a espiritualidade implica no nosso pensar, levando em consideração a integralidade do ser humano. Não pode ver de forma isolada a espiritualidade, quando reconhecida como umas das dimensões que fazem parte do ser humano. A espiritualidade, então implicaria, no pensar de Röhr: (2007, p. 34) “levando em conta a integralidade do ser humano, numa multidimensionalidade formada basicamente por: dimensão física, sensorial, emocional, mental e espiritual.” A dimensão espiritual seria a liberdade, a verdade e o amor.

O filósofo, educador, artista, esoterista e fundador da Antroposofia e da Pedagogia Waldorf, Rudolf Steiner (2013) afirma que cada ser humano “é um problema.” Que somos únicos e nisso reside a expressão mais profunda da espiritualidade. Segundo Steiner (2013, p.44), “reside em cada pessoa um cerne espiritual que é uma espécie única, não existe um cerne igual ao outro.” Steiner, na fundamentação do método da consciência intuitiva respeita a espiritualidade de cada pessoa, seu cerne espiritual, seu ser.

Bispo protestante da Igreja Moraviana, educador, cientista e escritor tcheco, pedagogo e considerado o fundador da didática moderna, Comenius cita:

Com efeito, somos mais ou menos (quanto ao corpo, ao espírito, aos costumes, às aspirações, às palavras e às ações) como fez a primeira educação e formação da adolescência que se lhe seguiu. Se ela tiver sido boa e inspirada nas normas da verdade e do bem, não pode acontecer que aqueles que a tenham recebido não superem os outros. Daí depende também a felicidade de toda a vida, pois as coisas morais e espirituais, do mesmo modo que as naturais e artificiais, como se formam, assim permanecem. (COMENIUS, apud GOMES, 2014, p. 163).

O filósofo, teórico político, escritor e compositor autodidata suíço e considerado um dos principais filósofos do iluminismo e um precursor do romantismo, Jean Jacques Rousseau (apud NACARATO, 2014, p.30) assevera que “o homem aprende a ver do espírito assim como os olhos do corpo; mas a primeira aprendizagem é bem mais longa do que a outra”. Rousseau alerta que ao

abrir mão da própria qualidade que o caracteriza como humano, o homem fica impossibilitado de tomar decisões e sem o instrumento essencial para a realização do espírito, precisando reconquistar sua liberdade perdida diante das escolhas feitas em meio à sociedade. Dessa forma, Rousseau sugere autoconhecimento, através de um mergulho interior, por meio da emoção, o que representa numa entrega sensorial à natureza.

Pedagogo suíço e educador pioneiro da reforma educacional, Pestalozzi (apud INCONTRI, 1998, p. 24) tinha suas reticências a respeito do elogio à razão humana, e nos diz que “só o amor tinha força salvadora, capaz de levar o homem à plena realização moral”. Encontrando dentro de si, a “essência divina” que liberta, Pestalozzi afirma que a religiosidade humana nasce da relação afetiva da criança com a mãe, por meio da sensação de providência. Para Pestalozzi (apud, INCONTRI, 1998, p.25) “a moral não pode ser imposta nem controlada, porque ela é íntima, individual (...) a natureza melhor da criança deve ser encorajada o mais cedo possível a combater a força prepotente do instinto animal”.

Todos os pedagogos, professores e estudiosos citados nesse grupo, contribuíram e contribuem diretamente na educação com suas temáticas sobre o ser humano, sob um olhar tanto espiritualmente, como socialmente, e numa perspectiva de sucessões dimensionais que comporiam o homem integral, demonstrando que o processo educativo também será ocasionado por esses fatores.

Nossas emoções ruins e egoístas não encontrariam eco diante da vivência da espiritualidade, pois que esses sentimentos não teriam lugar em nossas escolhas enquanto seres humanos, em todas as nossas dimensões, física, sensorial, emocional, mental e espiritual. Espiritualidade, portanto, vivenciada em todas as circunstâncias de nossa vida, um modo de ser e perceber, e principalmente vivenciada em contato, em relação com outro, onde vamos perceber o outro verdadeiramente diferente de nós, porque cada um é único e quer encontrar um sentido para vida, de acordo com as suas crenças, suas culturas e seus objetivos, sua vivência diária lhe proporcionará essa busca.

Reconhecendo os conceitos da espiritualidade na prática educacional/pedagógica

Na literatura pedagógica, conforme vimos na revisão de literatura feita acima, encontramos autores, que em suas concepções teóricas e ideológicas, inserem a temática espiritualidade com a educação, demonstrando a importância do SER frente ao TER, o encontro consigo mesmo e o reconhecimento do outro. Buscam assim, por práticas pedagógicas que busquem a liberdade, a autonomia, a criatividade, o respeito, o trabalho participativo e vontade de aprender. Aprofundando um pouco mais o estudo sobre as concepções trazidas pelos teóricos, mostramos a aproximação que possuem com o campo teórico/prático educacional.

Paulo Freire defende uma educação humanizadora, através de práticas que busquem a “libertação do oprimido”, uma prática de “autonomia” e de “liberdade”.

Não foi por acaso que esse método de conscientização originou-se como método de alfabetização. A cultura letrada não é invenção caprichosa do espírito; surge no momento em que a cultura, como reflexão de si mesma, consegue dizer-se a si mesma, de maneira definida, clara e permanente. A cultura marca o aparecimento do homem no largo processo da evolução cósmica. A essência humana existencia-se, auto desvelando-se como história. Mas essa consciência histórica, objetivando-se reflexivamente surpreende-se a si mesma, passa a dizer-se, torna-se consciência historiadora: o homem é levado a escrever sua história. (FREIRE, 1970, p.9).

Em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, Freire afirma que diálogo e prática, podem ser vistas como um olhar de espiritualidade na educação, quando ele reconhece que o ser humano é inacabado e inconcluso, em que o reconhecimento do oprimido se daria a partir de suas crenças, e do reconhecimento em relação a si mesmo, enquanto homem com vocação para ‘ser mais’ em contraposição a concepção de homem como ‘ser vazio’.

Essa concepção de ‘inacabamento’ também é encontrada na doutrina existencialista. Embora Freire esteja mais para um existencialista cristão e Sartre para um existencialista ateu, existem semelhanças e diferenças em relação à ‘natureza humana’, de Freire, e ‘verdade humana’ de Sartre:

O homem existe primeiro, se encontra, surge no mundo, e se define em seguida. Se o homem, na concepção do existencialismo, não é definível, é porque ele não é inicialmente, nada. Ele apenas será alguma coisa posteriormente, e será aquilo que ele se tornar. Assim, não há natureza humana, pois não há um Deus para concebê-la. O homem é, não apenas como é concebido, mas como ele se quer, e como se concebe a partir da existência, como se quer a partir desse elã de existir, o homem nada é além do que ele se faz. (SARTRE, 2010, p.25)

O homem, precisamente porque é homem, é capaz de reconhecer que existem realidades que lhe são exteriores. Sua reflexão sobre a realidade o faz descobrir que não está somente na realidade, mas com ela. Descobre que existe seu eu e o dos outros, embora existam órbitas existenciais diferentes: o mundo das coisas inanimadas, o mundo vegetal, o animal, outros homens... Esta capacidade de discernir o que não é próprio do homem permite-lhe, também, descobrir a existência de um Deus e estabelecer relações com ele. O homem, porque é homem, é capaz igualmente de reconhecer que não vive num eterno presente, e sim uma, tempo feito de ontem, de hoje, de amanhã. Esta tomada de consciência de sua temporalidade (que lhe vem de sua capacidade de discernir) permite-lhe tomar consciência de sua historicidade, coisa que não pode fazer um animal porque não possui esta mesma capacidade de discernimento. (FREIRE, 1979, p. 20).

Continuando com as palavras de Freire (1987, p.29), “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: Os homens se libertam em comunhão”, poderíamos então em um processo de interação e diálogo, trabalho em conjunto de toda comunidade escolar, não somente educador e educando, conseguir o progresso individual e coletivo que esperamos, onde realmente o homem é a parte principal da educação. Podemos reforçar tal argumentação com outras palavras de Freire: “Quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos” (FREIRE, 1979, p. 16).

“O papel fundamental dos que estão comprometidos numa ação cultural para a conscientização não é propriamente falar sobre como construir a ideia libertadora, mas convidar os homens a captar com seu espírito a verdade de sua própria realidade” (FREIRE, 1979, p. 46). Nas palavras de Freire, está clara a importância do olhar para o ser humano, para o sujeito da educação. Ele reforça a ideia de liberdade através do autoconhecimento, e a espiritualidade que acredito

está entre outros conceitos baseadas no sentido de libertar o homem para escolher seus próprios caminhos, com dignidade e conhecimento, através da educação. Quanto a Sartre (2010), acredito que podemos interferir diretamente naquilo que seremos, mas me questiono ao “não ser nada inicialmente”.

Rousseau (2014) afirma que a criança devia ser amada e livre. O ser humano devia voltar-se para a natureza com pureza e alegria e nos mostrando a importância do humano como um ser moral, cuja liberdade e “perfectibilidade” através da responsabilidade consigo mesmo e com a sociedade deveria ser destacada. No seu livro *Emílio, ou da Educação*, Rousseau apresenta uma proposta de educação buscando preservar a bondade original no reencontro com a natureza humana, através da razão, conhecendo e construindo sua essência moral e agindo de acordo com ela, porque o homem ainda não é bom no sentido moral, mas é bom porque é dotado de piedade e ama a ordem.

De modo que se poderia dizer que os selvagens não são precisamente porque não sabem o que é ser bons, pois não é nem o desenvolvimento das luzes, nem o freio da lei, mas a tranquilidade das paixões e a ignorância do vício que os impedem de proceder mal. (ROUSSEAU, 1972, p.258)

Seguidor de Rousseau, o educador, Pestalozzi, inspirado pela leitura de *Emílio, ou da Educação* criou uma escola, na cidade de Iverdon. Era uma escola “livre, divertida e natural,” com o portão sempre aberto, sem prova, nota ou castigo, com professor amigo. As potencialidades de cada criança eram fundamentais para seu aprendizado. A presença de Pestalozzi era constante, ensinava a ter amor e ser bom. Segundo Incontri (2011, p. 74), “Pestalozzi abriu à infância, novo rumo de esperança, e ensinou à humanidade como amar uma criança.” Pestalozzi via na Educação a saída para extinguir os problemas sociais, porque através dela se chegaria ao estado moral, que é algo íntimo e individual e jamais poderia ser imposto. Mas que juntamente com a educação, era preciso a crença na paternidade divina, porque acreditava que a descrença era responsável pela indissolubilidade dos laços sociais contrários a fraternidade humana. Pestalozzi, também reconhecia que existe uma bondade no ser humano e de que ela pode ser maculada diante das situações sociais, mas isso não justificaria o isolamento social, ao contrário, seria vivenciando a realidade social para conservar a

bondade natural. A união entre razão e emoção, bondade natural e moral, poderiam, gradativamente, salvar a humanidade de um estado de “civilização corrompida” para um “humanizado”.

Somente pela formação do imutável, essencial e superior que há na natureza humana, resulta possível fazer coincidir os desejos das pessoas mais nobres de todos os estamentos sociais em vista do bem e do aperfeiçoamento dos seres humanos [...] e criar com segurança nas relações humanas aquela harmonia em que as pessoas se ajudam e se servem umas às outras. (PESTALOZZI, 2008, p. 45)

Dando uma ênfase agora às palavras de Montessori, que após a Segunda Guerra Mundial com a sociedade capitalista buscando uma maneira de vencer as consequências geradas pela guerra, viu em sua obra a possibilidade de uma reforma educacional e social, porque era fundamentada em um estudo científico do homem, em uma visão ampla: biológica, psíquica e filosófica. Segundo Montessori, a sociedade seria reconstruída pela educação, a partir do respeito à formação espiritual de “dentro pra fora” e da elevação intelectual da humanidade para reaprender viver no novo mundo. (NICOLAU, 2005). Neste sentido

Montessori é adepta de um movimento de libertação universal, com base científica e ligada à educação. Defendendo o desenvolvimento natural da criança. Para que a personalidade se desenvolva de maneira independente, necessário se torna libertar as crianças das atitudes autoritárias dos adultos que tolhem a liberdade. Refere-se ao nascimento espiritual do homem, ao respeito à individualidade, amparada por um ambiente vital. Endossa uma educação de dentro pra fora, reunindo todos os seus valores vitais, suas energias, crescendo e preparando-se para sua libertação. (NICOLAU, 2005. p.13).

Dentre os diversos conceitos de pedagogias estudados, encontramos a pedagogia Waldorf, criada pelo filósofo austríaco, Rudolf Steiner (2013), fundador da antropofosia, (“ciência espiritual”). A Pedagogia de Waldorf dá ênfase as diferentes fases do desenvolvimento do ser com vistas à sua “origem espiritual e à sua integração gradativa no plano físico”. Para Steiner (2013, p.65), a realidade é essencialmente espiritual e as pessoas deveriam ser treinadas para vencer o mundo material e entender o mundo espiritual através do ‘eu espiritual’, de nível

superior. Portanto, as aulas deveriam desenvolver as qualidades necessárias, para saber lidar com as mudanças diárias no mundo, com “criatividade, flexibilidade, responsabilidade e capacidade de questionamento, precisa ser articulado e capaz de se comunicar claramente,” tanto se abrindo para o que os outros têm a dizer como encontrando a melhor forma para expressar seus pensamentos ao mundo.” (Steiner, 2013, p.47).

Vale advertir, que conforme Montessori (2004), o que se espera é elevação da humanidade para um patamar superior, através da mudança do homem, aqui, mais uma vez vejo a possibilidade da espiritualidade interferir nessa mudança. Desta forma, conforme afirma Montessori (2004, p.21):

Eis aí a grande tarefa social que nos espera: colocar em funcionamento o valor potencial do homem. Permitir-lhe atingir o desenvolvimento máximo de seus dinamismos, prepará-lo verdadeiramente para mudar a sociedade humana, fazê-la mudar para um patamar superior.

Diante das colocações apresentadas nesse trabalho, entendemos que todas as atividades educacionais, deveriam se abrir para uma educação espiritualizada, mas não que tivesse que ser uma disciplina a parte. O movimento do processo de construção do conhecimento deve impregnar a sala de aula, o sistema educacional, em geral, com uma aula inserida na história e no espaço social, com compromisso de construir um modelo novo de educação, superando o arcaico que mata as ilusões e as expectativas, deixando de repetir, interminavelmente, o antigo que continua sendo o atual.

Considerações finais

Através dos autores referenciados vimos a necessidade de uma educação que visa às questões de humanidade, uma educação libertadora, que não referenciam o materialismo como ponto de chegada das conquistas escolares. Reforçando a ideia de que vivenciamos a construção do valor do TER e não do SER, consideramos importantes as indagações a respeito da reintrodução da espiritualidade na educação, face ao exposto pelos teóricos estudados.

Quando buscamos entrelaçar o tema Espiritualidade e sua presença na Educação, acreditamos que seja um importante instrumento capaz de fazer com que os professores, alunos e demais integrantes da comunidade escolar descubram que a Educação deve nos libertar da busca desenfreada do TER, onde o materialismo, o consumismo nos sufoca o SER. Neste sentido, espiritualidade significa respeito ao próximo, solidariedade, cooperação, fraternidade, igualdade, pensamento crítico, discernimento, condições de cada um exercer sua individualidade e suas diferenças, mas ser tratados como iguais, com liberdade, conscientizando-nos de nossas responsabilidades ao bem comum, quando nossas escolhas podem diretamente ou indiretamente interferir na vida uns dos outros, portanto, compartilhando as responsabilidades pelo presente e o futuro.

Tendo em vista o fato da importância da busca do encontro do ser com sua consciência, é válido destacar que é preciso que o professor se conheça e através disso possa conhecer seus alunos. Através do autoconhecimento, descobrindo suas próprias necessidades, qualidades e defeitos, será possível uma melhor formação do ser humano.

Viver plenamente a espiritualidade é reconhecer-se agindo no mundo de um modo que o valorize e dignifique, fazendo o bem àqueles que nele vivem, porque vivemos em sociedade e uns devem ser responsáveis pelos outros. A vivência da espiritualidade no dia a dia nos mostra isso, a preocupação com outro, como consigo mesmo.

Baseado nas descrições dos teóricos citados vê-se que a espiritualidade, tão presente em suas teorias, muitas vezes fica esquecida ou relegada ao materialismo propagado no mundo globalizado atual, com uma grande tendência à preparação de mão de obra, da competição, do consumismo. A escola, dessa forma, parece não acompanhar as reais necessidades da infância e juventude e, ao invés de incentivar a solidariedade, há cobranças por notas em diversos tipos de avaliações quantitativas; ao invés de se atentar para a realização de trabalhos em grupos, vemos alunos sentados por horas sem diálogo, sem troca de informações que não sejam somente as obrigatórias do currículo. Por conseguinte, temos escolas cada vez mais sem espaços internos para circulação e recreação, sem espaço para vivências de emoções e tão pouco para a vivência da

espiritualidade; muitas vezes não levando em conta o contexto histórico e social em que criança está vivendo.

A espiritualidade não está fora da vida, mas é parte dela, um modo de viver a própria vida; não existe dimensão espiritual separada do viver. A vivência da espiritualidade não significa a promessa de uma vida sem problemas, mas permite ao ser humano viver plenamente o presente como ele é, conscientes de um porvir.

Independente da maneira que concebamos o existir, o ser humano, o estar aqui, independente da vertente filosófica que escolhemos, precisamos trilhar o caminho escolhido por nós, com coração aberto, porque senão ele nunca será bom para nós, acredito que não é na importância ou no tamanho daquilo que empreendemos que está nossa satisfação. Sentimos que vivenciar a espiritualidade, é estarmos conectados com aquilo que somos: corpo, sentimentos e pensamentos. Vivenciar a espiritualidade em cada ser que está a nossa volta, porque somente na relação com o outro podemos viver em reciprocidade.

Referências Bibliográficas

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade, dimensão esquecida e necessária**. 2005. Disponível em < <http://www.leonardoboff.com/site/vista/outros/espiritualidade.htm> > Acesso em 20/10/2014.

COMENIUS, Jan Amos. (1592-1670) – **Pampedia** – Educação Universal/Jan Amos Comenius/ Tradução Joaquim Ferreira Gomes. Notas de Joaquim Ferreira Gomes e Dora Incontri/ São Paulo, SP: Editora Comenius, 2014.

DICIONÁRIO Online de Português. Disponível em <<http://www.dicio.com.br/espiritualidade/>> acessado em 10/09/2014.

GODOY, Hermínia Prado. **Proposta de uma educação para a espiritualidade**. Interdisciplinaridade / Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade (GEPI) – Educação: Currículo – Linha de Pesquisa: Interdisciplinaridade – v.1, n. 2 (out.2012) – São Paulo: PUCSP, 2012 Disponível em < <http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade/article/view/16245> > Acessado em 01.02.2014

NICOLAU, Marieta Lucia Machado. A formação de Maria Montessori. In: PINTO, Manoel da Costa (editor). **Maria Montessori: o indivíduo em liberdade** Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Segmento-Duetto, 2005. p.10-11 (Coleção Memória da Pedagogia, n.3).

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire** / Paulo Freire; [tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. – São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

INCONTRI, Dora. **Pestalozzi, Educação e Ética**. São Paulo: Scipione, 1996.

INCONTRI, Dora. **A Educação da Nova Era**. São Paulo: Editora Comenius, 1998.

JUNIOR, Jonas Bach. **A evolução da consciência humana: espiritualidade e política num diálogo entre Paulo Freire e Rudolf Steiner** - Incontri, Dora (org.) Educação, Espiritualidade e Transformação Social. São Paulo: Editora Comenius, 2014. p. 79-86.

MONTEIRO, D.M.R. Espiritualidade e Saúde na Sociedade do Espetáculo. In: Pessini L; Barchifontaine C P (organizadores). **Buscar Sentido e Plenitude de Vida. Bioética, Saúde e Espiritualidade**. São Paulo: Paulinas; 2008, p. 63-85.

NACARATO, Priscila Grigoletto. Rosseau e o reencontro da natureza humana. In: INCONTRI, Dora (org.) **Educação, Espiritualidade e Transformação Social**. São Paulo: Editora Comenius, 2014, p. 87-95.

PAZZOLA, A. **A espiritualidade como base para a resiliência. 2000**. Monografia apresentada à Universidade Católica de Pernambuco e Instituto Libertas – Consultoria e Treinamento, 2002.

PEDAGOGIA Waldorf. Disponível em <http://www.sab.org.br/portal/pedagogiawaldorf/27-pedagogia-waldorf> Acessado em 05/11/2014.

RÖHR, F. **A multidimensionalidade na formação do educador**. In: Revista da Educação. ACE. Ano 28, n. 110, jan/mar., 1999, p.100-108.

_____. (Org.). **Diálogos em Educação**. 2. ed. Edição revisada. Recife: Educação Universitária da UFPE, 2012.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo.** Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

STEINER, Rudolf. **A filosofia da liberdade: fundamentos para uma filosofia moderna: resultados com base na observação pensante, segundo método das ciências naturais.** São Paulo: Antroposófica, 2013.